

Cidades



ADRIANO HORTA/AT

FAIXA só para bicicleta: quem desrespeitar regra será multado em R\$ 85,13

Pista só para bicicletas vale a partir de hoje

Faixa exclusiva para bicicletas, que liga o Tancredão à praia de Camburi, não poderá ser usada por motoristas das 7h às 15h

Thainná Karina

A partir das 7 horas de hoje, os ciclistas vão poder pedalar por uma pista exclusiva para eles na orla de Vitória. É a ciclofaixa de 10,2 km de extensão, que fará a ligação do Tancredão, na região de Santo Antônio, a Camburi.

O espaço está todo sinalizado com faixas e caixas vermelhas ao longo do trajeto (sempre na faixa à direita). Três semáforos foram instalados em três cruzamentos sentido Camburi – Centro para oferecer mais segurança aos ciclistas.

Segundo o secretário de Trânsito, Transportes e Infraestrutura Urbana de Vitória, Max da Mata, a ciclofaixa permite que os ciclistas trafeguem nos dois sentidos durante toda sua extensão. No sentido Centro-Camburi, deve-se respeitar os mesmos sinais usados para os veículos.

“Já no sentido Camburi – Centro instalamos três semáforos nas calçadas, que são exclusivamente para os ciclistas. Eles estão nos principais cruzamentos, como na Ilha do Frade, após o MC Donald’s. Depois, no Shopping Vitória, embaixo da Terceira Ponte. E o terceiro, no Hortomercado”, explicou.

De acordo com o secretário, só vai ver o sinal do ciclista que estiver

a caminho do Centro. “Se o sinal estiver fechado, eles terão de parar para o veículo fazer o cruzamento. Haverá a presença da Guarda Municipal para dar todo o suporte aos ciclistas que tiverem dúvida.”

A ciclofaixa vai estar disponível para os ciclistas apenas aos domingos e feriados, das 7h às 15h. Nestes dias e horários, motoristas não poderão usar a faixa da direita nesse trecho da pista. Caso trafeguem, serão multados em R\$ 85,13.

O motorista também não poderá parar ou estacionar o veículo na ciclofaixa durante o período de funcionamento. Caso faça isso, o veículo pode ser multado e guinchado.

FERNANDO RIBEIRO - 03/01/2012



“Os ônibus não poderão entrar na ciclofaixa. O embarque dos passageiros será na linha dos cones”

Max da Mata, sec. de Trânsito de Vitória



CAETANO VELOSO

Parafuso

Edward Snowden é uma figura forte. Sua presença pública tem o sabor das entradas individuais que desencadeiam coisas grandes na cena do mundo. Jovem, ele parece um pouco o garoto que, em “E la nave va”, deflagra, com um único gesto, a Primeira Guerra Mundial. Falo do personagem do filme e não do homem real que matou o arquiduque da Áustria porque é a captação poética do tipo de agente histórico que me interessa evocar.

Snowden é a mostra de que vivemos um tempo cheio de preságios, esperanças, ameaças. O presidente do seu país de origem, Barak Obama, um mulato que é o primeiro negro eleito para o posto e que representa, não apenas por isso, todo um mundo de ideias opostas às forças conservadoras, diz sobre ele o mesmo que diria um representante dessas forças: tendo optado por fazer do que descobriu uma denúncia pública, em vez de uma queixa interna, Snowden pôs a segurança dos Estados Unidos em xeque.

Mas não há no mundo quem não pense que só a denúncia externa seria eficiente contra o que Snowden achou moralmente inaceitável.

Por uma volta caprichosa do parafuso da História, ele foi encontrado guarida num país em que o respeito às individualidades é oficialmente (e desde sempre) muito menos respeitado do que nos EUA: a Rússia.

Não deixa de ser significativo – e, em grande medida, honroso – para nós que, vendo o tempo de refúgio temporário se esvaír e querendo encontrar-se em ambiente mais confortável, ele tenha pensado no Brasil, começando a namorar-nos num texto vago, aparentemente escrito para sondar a reação das nossas autoridades, que poderá se traduzir em pedido oficial de asilo político caso exibamos simpatia. (Antes de conseguir o asilo temporário que a Rússia lhe concedeu, Snowden expediu pedido para 21 países, o Brasil entre eles, tendo sido atendido apenas por Bolívia, Venezuela e Nicarágua.)

No dia 5 de fevereiro, na sede da Anistia Internacional, no Rio, haverá uma reunião para abrir o debate sobre a possibilidade de o Brasil finalmente dar asilo ao americano.

Glenn Greenwald, o jornalista a quem primeiro Snowden falou sobre os supergrampos da NSA, já disse que nosso país é sua escolha preferencial.

E David Miranda, o namorado de Greenwald, é o autor da petição na Avaaz para que o governo brasileiro conceda o asilo a

Snowden.

Emocionalmente, é-me quase irresistível aderir à campanha de Miranda (que ficou horas preso no antipático aeroporto londrino de Heathrow sob suspeita de “terrorismo”). Não estou no Rio e não estarei lá no dia 5. Se estivesse, iria à Anistia para



Glenn Greenwald, o jornalista a quem primeiro Snowden falou sobre os supergrampos da NSA, já disse que nosso país é sua escolha preferencial

ouvir o debate e me sentir mais seguro para assinar a petição na Avaaz.

Falta-me sobretudo pesar racionalmente a questão. No coração, desejo que Snowden venha morar no Rio e fique muito mais apaixonado pelo Brasil do que Ronald Biggs.

Vivo num mundo de sonhos cor de rosa e ficaria feliz se um cara

como o jovem americano se ligasse mais ao Jardim Botânico do que Brigitte Bardot se ligou a Búzios. Seja como for, sinto, sem piada, que seria um gesto bonito acolher Snowden.

Claro que quero que as relações entre o Brasil e os Estados Unidos possam melhorar e não sou tão desinteressado assim do assento brasileiro no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Preferiria nada arriscar a perder oportunidades para o Brasil.

Sou amalucadamente patriota. Mas é porque quero que se invente algo bom tendo o Brasil como pretexto.

Claro que, num mundo ideal, eu teria meu Brasil acumulando poderes para redimensionar os valores por trás do Poder. Dessa perspectiva irrealista é que o asilo a Snowden me parece totalmente desejável. Mas não só.

Há mil situações realistas entrelaçadas em diferentes instâncias dessa minha visão irreal. Faz uma semana, escrevi aqui uma série de maluquices sob a palavra “superstição”. Sou esse tipo de cara.

Eu mesmo não estou certo de onde começa e onde acaba a ironia em minhas ideias e em minhas frases. Deve ser o hábito da letra de música, coisa tão próxima à poesia. Basta-me que algumas palavras confusas cheguem a ser sugestivas.

Aliás, nem é muito preciso dizer que isso me basta: não é que me baste, é que suponho que assim vou mais longe do que iria se me ativesse à prosa explicativa.

Sonho que, se nós chegássemos a persuadir a presidente Dilma a conceder o asilo a Snowden, uma luz nova se insinuaria na Terra. Isso é vivido agora de modo um tanto supersticioso: se chegarmos a convencer o nosso governo, é porque as forças inexplicáveis estarão sinalizando que algo quase maravilhoso vai dar pé.

Vejam aonde um convite para ir à sede da Anistia Internacional me trouxe. E um convite a que nem posso atender.

Caetano Veloso escreve neste jornal aos domingos